

«O Dito e o Feito», o novo livro de João Martins Pereira

SABER DE PORTUGAL HOJE

Rodrigues da Silva

JOÃO Martins Pereira é como alguns amigos de que ele fala: uma referência. Mesmo se nele pensamos mais do que o vemos, sabemos sempre que está lá... ou aqui, algures entre nós. Há quase vinte anos assim, desde que nos desafiou a pensar com o seu... «Pensar Portugal Hoje», até hoje que somos bastante menos do que outrora a aceitar-lhe o repto. Alguns, apesar de tudo, interessados, decerto, nesta interrogação que João Martins Pereira, como quem não quer a coisa, nos atira à cara: «Se a Revolução não existe, tudo é permitido...?». A resposta dê-a quem puder, a pergunta, essa surge a páginas tantas de «O Dito e o Feito», o livro que o autor de «No Reino dos Falsos Avestruzes» acabou de lançar no último fim-de-semana.

Augusto Abelaira, que o apresentou, chamou a «O Dito e o Feito» um livro de ensaios, no exacto sentido em que Montaigne, há quatro séculos, definiu os seus: experiências. Experiências mentais, exercícios de reflexão sobre a realidade circundante, para através da escrita encontrar a sabedoria. Ao contrário, porém, de Montaigne, João Martins Pereira não busca na «sagesse» a preparação para a morte, mas para a... vida, esta, comezinha e nada metafísica, que todos vivemos colectivamente, com direitos e deveres (de consciência, inclusive).

Daí que, como Abelaira também referiu, haja um moralista (no sentido ético do termo) em todo aquele que, como João Martins Pereira, ousa interrogar e interrogar-se:

«Se a Revolução não existe, tudo é permitido...?»

Pergunta que nem só para os que um dia na Revolução acreditaram (ou julgaram que sim) tem razão de ser. JF, uma das personagens de «O Dito e o Feito», houve um dia em que acreditou nessa tal Revolução. Depois... bom, depois foi o caminho que se adivinha, a arte de bem cavalgar a toda a sela no carreirismo, com passagem transitória pelo partido que se imagina e fixação (definitiva até nova ordem) no partido que se está mesmo a ver qual é, suporte de todo o tecnoburocrata que preza o muito dinheiro e o prestígio bastante.

Ao contrário do que a existência de um personagem pôde levar a supor, «O Dito e o Feito» é tudo menos um livro de ficção. Aliás, a

bem dizer, são dois livros num só, intercalando-se quase capítulo a capítulo. O dito foi feito em forma de diário por João Martins Pereira ele-mesmo, o feito foi dito por ele, mas na boca de personagens inventados. Estes, no final, travam — como Abelaira referiu e bem — um autêntico diálogo platónico sobre o Portugal dos anos 80 deste século.

João Martins Pereira não terá, como Sócrates, porém, de beber a cicuta, que a Democracia, desde a Grécia Antiga, foi isso que evoluiu: às minorias continua, como então, a não ligar, mas poupalhes agora a vida.

Um jogo de reflexos este livro que se lê de um fôlego, diga-se desde já. E se o pessimismo nos destinos do 25 de Abril perpassa pelas suas páginas, «O Dito e o Feito» é tudo menos uma obra amarga. Lúcida é o que ela é, irónica por vezes, também. O pano de fundo é este país «de calças na mão», onde cada vez mais as pessoas são avaliadas pelo dinheiro que têm e cada vez menos se preocupam com desigualdades e explorações, quase todas à uma na sua, muito contentes por a terem, nas tintas para os que a não têm.

O discurso é obviamente fragmentado e, pelo menos no diário (84-87), João Martins Pereira nem

se preocupou por aí em dar-lhe grande unidade, criar um todo harmónico, onde cada parte fosse indispensável ao conjunto. Indispensável para ele foi não esquecer, para além do resto, alguns ódios de estimação. Quem conhece Martins Pereira, lido o livro, concluirá que não falta lá praticamente nenhum.

Estes (e não só, sejamos claros) irão detestar este livro que, de resto, não foi escrito para ser amado pelas maiorias. Longe disso: João Martins Pereira fala para os amigos, não há nisto nenhum desprimor, os amigos é que são cada vez menos, cada vez mais talvez os que se sentem incomodados com a pergunta: «Se a Revolução não existe, tudo é permitido...?»

Pergunta que nem é original. Pela pena de Dostoiévsky, um dos irmãos Karamazov fê-la já de outro modo, dizendo Deus em vez de Revolução. Mas o sentido é o mesmo: saber se, na falta de um absoluto, tudo afinal pode ser tão relativo que, em vez de valores, haja apenas mais-valias.

«O Dito e o Feito - 1984-87», João Martins Pereira, Edições Salamandra, Lisboa, Dezembro de 1989.

João Mário Grilo premiado

O filme «O Processo do Rei», de João Mário Grilo, obteve o Prémio Especial do júri do Sexto Festival, junto com «How Nice to See You Alive», da brasileira Lucia Murat. O Tucano de Ouro do certame foi entregue ao israelita Isaac Zepel Yashurun, por «Green Fields».

O filme de João Mário Grilo, tendo como actores, entre outros, Carlos Daniel, Aurelle Doazan e Gerard Hardy, conta o «processo» de D. Afonso, filho de D. João de Bragança, acusado perante o Papa pela sua mulher, Marie Françoise, de impotência, o que resultou na sua prisão, em Novembro de 1667, e na emissão de uma bula papal que abençoou o casamento entre Marie e o seu cunhado, Pedro.

Eunice doente adia estreia

A estreia da peça «D. João e a Máscara», pela primeira vez na íntegra, inicialmente prevista para hoje, foi adiada para o próximo dia 11 do corrente, por a actriz principal, Eunice Muñoz, se encontrar doente.

«D. João e a Máscara», de António Patrício, inaugura a nova sala de espectáculos, de 160 lugares, nas antigas instalações da Faculdade de Ciências: o Teatro da Politécnica.

Com encenação de Mário Feliciano, cenografia de Manuel Graça Dias e E-gas José Vieira e música original de António Vitorino d'Almeida, o espectáculo integra-se, durante os três primeiros dias de apresentação, nos Festivais de Outono de Lisboa de 1989.

Contracenam com Eunice Muñoz, João Grosso, Estrela Novais e outros catorze actores.

Ateliers de artistas entregues pela CML

A Câmara Municipal de Lisboa procedeu, na semana passada, á entrega de 20 novos ateliers para artistas plásticos, na sequência de um concurso público que contou com 61 candidaturas.

Estes 20 ateliers passam a constituir o Centro de Artes Plásticas do Bairro da Boavista, o segundo centro do género da cidade. O júri foi presidido pelo vereador do Pelouro da Cultura, arquitecto Vítor Reis e por representantes da Academia Nacional de Belas Artes, ES-BAL e pelo pintor Manuel Cargaleiro.



Augusto Abelaira e João Martins Pereira, quinta-feira à tarde, na Livraria Barata, no lançamento de «O Dito e o Feito»